



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

ESCOLA ARRASADA

Se Brasília fosse boa, Niemeyer morava nela. A frase torpe certamente foi inventada por algum dos muitos detratores da cidade. Traz encravada a velha tese de que uma cidade não deve ser planejada, que é fria, que não tem esquina, que é segregadora, patati, patatá. Muito de verdade, porém muito de desconhecimento sedimentado. A repetição *ad nauseam* das mesmas críticas acaba cegando os críticos para os reais problemas da cidade. Que não estão no desenho de Lucio Costa, nem na

suposta e discutível ausência de esquinas, nem no fato de o Plano Piloto ser uma paraíso em contraposição às mazelas das cidades mais distantes.

Os reais problemas da capital planejada estão na negligência de que foi vítima em sucessivos governos. A menos que Lucio Costa tivesse um poder mediúnico de interceder em favor da cidade, a responsabilidade pelas feridas de Brasília está em quem a administra.

Reportagem de Erika Klingl, publicada na edição de ontem do *Correio*, revela que os últimos governos desmontaram inteiramente o ensino público de qualidade que havia na cidade e que nasceu do empenho de um dos mais importantes educadores brasileiros,

Anísio Teixeira. A primeira frase da matéria da Erika é reveladora: "Esqueça a idéia de que uma educação de primeiro mundo é oferecida em Brasília". Dados: apenas três das 259 escolas públicas de 1ª a 4ª séries tiveram nota maior que seis no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Já foi bem outra a realidade do ensino público de Brasília, que o digam os que ensinaram e estudaram nele nos anos 60/70/80, especialmente. Anísio propôs um sistema de educação que fosse modelo para o país. Pretendia-se a formação do novo homem para a vida na sociedade moderna. Defensor radical do ensino público como garantia dessa formação, imagi-

nava que a educação teria prioridade máxima nas políticas públicas rumo ao desenvolvimento.

As unidades de vizinhança desenhadas por Lucio Costa eram a sustentação geográfica dessa proposta. As crianças iriam para a escola a pé, reforçando assim o convívio social e o domínio sobre seu pequeno universo. Jardins de infância, escolas classe e escolas parques eram o triângulo que representava os centros de formação elementar. Escolas com no máximo 30 alunos. Nas escolas parque aprenderiam artes industriais, artísticas, sociais e de recreação. E nelas conjuntos residenciais para crianças e adolescentes sem famílias.

A proposta de Anísio Teixeira

abrangia os ensinos fundamental, médio e universitário, todo ele integrado e tendo por objetivo dar a todas as crianças, adolescentes e jovens, especialmente aos das classes populares, condições de crescimento pessoal, humano, social, científico e tecnológico.

O golpe militar de 1964 tentou quebrar ao meio o projeto de Anísio Teixeira, mas a resistência e o compromisso dos educadores para com o seu ofício não permitiram que as conquistas iniciais fossem paralisadas e/ou destruídas. O esfacelamento foi acontecendo aos poucos e se transformou em terra arrasada na proporção do desinteresse dos futuros governos pelo ensino público.